

NIETZSCHE E A AFIRMAÇÃO DA VIDA ATRAVÉS DO CONCEITO DE VONTADE DE POTÊNCIA¹

Nietzsche and the affirmation of life through the concept of will to power.

José Fagner Vieira da Silva²

Orientação: Prof. Drº Rodrigo Jungmann de Castro³

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o conceito de vontade de potência de Nietzsche, como força fundamental que impulsiona a vida e molda a realidade, caracterizada por um campo de forças em constante luta e transformação. A metodologia adotada é baseada no levantamento bibliográfico das obras de Nietzsche e de pesquisadores que interpretaram esse conceito ao longo de sua trajetória filosófica. A abordagem é interpretativa, centrando-se na análise crítica de textos fundamentais, como: A gaia ciência, Além do bem e do mal, O nascimento da tragédia, Crepúsculo dos ídolos, e nas influências de outros pensadores, como Heráclito, Schopenhauer, Buscovitch. Nietzsche vê a vida como um devir ou vir-a-ser, onde não há um propósito final (telos), mas uma necessidade intrínseca de expansão e domínio. Ele critica concepções tradicionais de uma realidade estática, transcendental como as ideias de Platão e o cristianismo; ao propor uma visão dinâmica da existência influenciada pelo pensamento de Heráclito e pelas teorias científicas de sua época, como o positivismo. Nietzsche se distancia da metafísica ao desenvolver uma noção de forças múltiplas e interativas, contrapondo-se à visão de Leibniz de forças vivas (mônadas). Afasta-se da perspectiva pessimista de Schopenhauer, que vê a vida como sofrimento. Nietzsche sugere que a vontade de potência é a essência de toda energia e movimento no universo, uma realidade em constante autossuperação e embates de forças.

Palavras-chave: vontade de potência, vida, mobilidade, afirmação.

Abstract

This paper aims to analyze Nietzsche's concept of the will to power as the fundamental force that drives life and shapes reality, characterized by a field of forces in constant struggle and transformation. The methodology adopted is based on a bibliographic review of Nietzsche's works and of researchers who interpret this concept throughout his philosophical trajectory. The approach is interpretative, focusing on the critical analysis of key texts such as The Gaia science, Beyond good and evil, The birth of tragedy, Twilight of the idols, and on the influences of other thinkers such as Heraclitus, Schopenhauer, and Boscovich. Nietzsche sees life as becoming, where there is no final purpose (telos), but an intrinsic need for expansion and domination. He critiques traditional conceptions of a static, transcendental reality such as the ideas of Plato and christianity; instead, he proposes a dynamic view of existence influenced by Heraclitean thought and by the scientific theories of his time, such as positivism. Nietzsche distances himself from metaphysics by developing a notion of multiple and interactive forces, opposing Leibniz's view of living forces (monads). Rejecting Schopenhauer's pessimistic perspective, which sees life as suffering. Nietzsche suggests that the will to power is the essence of all energy and movement in the universe, a reality in constant self-overcoming and struggle between forces.

Keywords: will to power, life, mobility, affirmation.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Prof. Drº Sandro Cozza Sayão, na seguinte data: 06 de Agosto de 2025.

² Graduando em Filosofia pela UFPE.

³ Prof. do curso de Filosofia da UFPE.

1. Introdução

As facetas que vislumbam o surgimento da vida, no âmbito da realidade, são diversas. O mundo expõe em seus constituintes químicos, material necessário para o desenvolvimento de diversos tipos de componentes orgânicos, que em determinadas estruturas, concebem a matéria prima que originou os seres vivos primitivos. Mas não apenas para o surgimento de tais seres biológicos, elementos químicos, fazem parte do contexto universal destes incipientes organismos, mas também das disputas energéticas que surgem em um ambiente inorgânico, modulando forças e alimentando o caos que busca incessantemente a renovação, a transitoriedade, o devir.

A matéria orgânica entrelaçada por essa vontade, tende-se ao limite de encontro com outras forças, que se embatem e se superam, umas se submetem, outras dominam e controlam o meio. O que se descobre de tais forças biológicas é que não possuem um telos, mas nelas há uma necessidade: domínio e expansão. Neste contexto o objetivo deste trabalho é analisar o esboço estrutural, tendo como método o levantamento bibliográfico em que o filósofo Nietzsche desenvolveu ao longo de sua trajetória filosófica, o conceito de vontade de potência como força motriz para o impulso e afirmação da vida. “Ora, a vontade de potência está presente nos numerosos seres vivos microscópicos que formam o corpo, na medida em que cada um deles *quer* prevalecer na relação com os demais.” (MARTON, 2010, p. 44). Nietzsche em sua obra *Gaia ciência*, aforismo 360; trás os primeiros indícios da formulação deste conceito, levando-se em conta seu contato inicial com a teoria das forças:

“Isso me parece ser um dos meus mais importantes passos e avanços; aprendi a diferenciar a causa de uma ação da causa de uma ação mais menos, de uma ação nessa direção, de uma ação para essa meta. O primeiro tipo de ação é um quantum de força represada, à espera de ser utilizada de algum modo, para alguma coisa; por outro lado o segundo tipo, comparando a essa força, é algo totalmente insignificante, geralmente um pequeno acaso, de acordo com o qual aquele quantum se “solta” de uma única e determinada maneira; é como o palito de fósforo em relação ao barril de pólvora. Acrescendo a esses pequenos acasos e palitos de fósforo todas as assim chamadas “finalidades”, e também as assim chamadas profissões de vida: elas são relativamente aleatórias, arbitrárias, quase, quase indiferentes em relação aquele enorme quantum de força, que sente a urgência, por assim dizer, de ser utilizado de alguma maneira.” (NIETZSCHE, 2016, p. 387-388).

Em sua obra, o nascimento da tragédia, Nietzsche define como potência da natureza, figuras como os deuses Apolo e Dionísio. Sendo estes deuses

antagônicos entre si; como símbolos artísticos da natureza. E dentro desse “perecer” e “ser” constante, o trágico da vida nos trás este embricado estético, como o filósofo menciona:

“Esses nomes nós os tiramos dos gregos, que expressam essas duas forças de forma grandiosa e significativa por meio de suas duas divindades artísticas, Apolo e Dionísio. Ligados à nossa memória de imediato estão as duas estéticas distintas do ‘sonho’ e da ‘embriaguez’, uma originando-se do princípio apolíneo, a outra do dionisíaco.” (NIETZSCHE, 1993, p. 31).

Nietzsche, em contato com os fragmentos de Heráclito de Éfeso (540-470 A.C.), encontra neste filósofo grego, reflexões que propõem que a realidade não é estática e não possui um início e um fim. O fluxo das coisas, o movimento característico que evidencia o devir; como o próprio Heráclito menciona: “Tudo flui (panta rei), nada persiste, nem permanece o mesmo.” (HERACLITO, 1989, p. 103). A partir desses fragmentos, o filósofo busca compreender como o mobilismo da realidade é em sua última instância, o eterno vir-a-ser. No aforismo cinco, a “razão” na filosofia, da obra, crepúsculo dos ídolos, Nietzsche contesta o ser e a razão, como meras percepções da linguagem. Pois estes recortam uma particularidade do devir:

“— Vamos contrapor a isso, finalmente, de que outra maneira nós (— digo “nós” por cortesia...) abordamos o problema do erro e da aparência. Antes se tomava a mudança, a transformação, o vir-a-ser como prova da aparência, como sinal de que aí deve haver algo que nos induz ao erro. Hoje, ao contrário, e justamente na medida em que o preconceito da razão nos obriga a estipular unidade, identidade, duração, substância, causa, materialidade, ser, vemo-nos enredados de certo modo no erro, forçados ao erro; tão seguros estamos nós, com base em rigoroso exame, que aqui está o erro. Não é diferente do que sucede com os movimentos do grande astro: no caso deles, o erro tem nosso olho como permanente advogado. [...]” (NIETZSCHE, 2006, p. 23-24)

Esta questão ontológica do devir, está intrinsecamente conexa ao bojo deste trabalho. Visto que para o filósofo propor sua reflexão sobre os impulsos da vida, seria necessário compreender como Nietzsche de certa forma, foi construindo sua filosofia. Apesar dele no início de sua carreira ter sido fortemente influenciado por Schopenhauer, no que diz respeito ao seu contato com a metafísica imanente, a obra: o mundo como vontade e representação, o pessimismo, a negação dos desejos intrínsecos a vida, onde predomina o “viver é sofrer” (SCHOPENHAUER, 2001); conforme o jovem Nietzsche vai compilando suas ideias, principalmente diante dos seus estudos sobre a cultura grega antiga, inicia um processo de distanciamento da filosofia de Schopenhauer, pois discorda que a vida é apenas sofrimento.

O contato que Nietzsche teve com o darwinismo e sua aproximação ao positivismo, no que diz respeito às teorias científicas de sua época, favoreceu em partes a construção de sua própria teoria das forças. Sabe-se que o primeiro filósofo a introduzir a noção de força na filosofia foi o Leibniz. Este teve a idéia sobre as mônadas; em sua obra monadologia. De concepção dinâmica, mas metafísica, explica os seres não como máquinas que se movem, mas como forças vivas: “Os corpos materiais, por sua resistência e impenetrabilidade, revelam-se não como extensão, mas como forças; por outro lado, a experiência indica que o que se conserva num ciclo de movimento não é — como pensava Descartes — a quantidade de movimento, mas a quantidade de força viva”. (LEIBNIZ, 1999, p. 9-10). Nietzsche para não ter essa influência metafísica das forças de Leibniz, estrategicamente elabora o sentido de forças como pluralidades como característica principal.

2. Justificativa

Este trabalho justifica-se pela importância do conceito de vontade de potência de Nietzsche, enquanto força primordial para vida. Diverge ontologicamente das concepções tradicionais sobre a existência, como por exemplo, o mundo das ideias de Platão e o reino divino do cristianismo, concebendo uma visão dinâmica e de afirmação da realidade. Entender como Nietzsche cria conceito e delega-o ao movimento da vida como ela se dá, é fundamental para análise de sua perspectiva sobre a natureza do ser, da potência que forjam o devir orgânico. Na seção I da obra Nietzsche e a ontologia do vir-a-ser, Eduardo Nasser atesta a proposta do resgate e reformulação do heraclitismo e da realidade:

“Após 1873, Nietzsche chega através do problema do tempo não só a um realismo, mas também a uma concepção de realidade que tem no tempo ou no vir-a-ser sua única propriedade; o tempo é o único conceito que sobrevive à inspeção crítica, ao contrário da matéria e do espaço, produtos subjetivos. “O espaço é, como a matéria, uma forma subjetiva. O tempo, não.” (NIETZSCHE, 1882). Com isso, dá-se início público dessa transformação é feito pela primeira vez na Segunda Consideração Extemporânea, quando Nietzsche, de forma categórica, revela (NASSER, 2015, p. 88): “A doutrina do vir-a-ser soberano, da fluidez de todos os conceitos, de todos os tipos e de todas as espécies, da ausência de toda cardinal diferença entre homem e animal — doutrina que tomo por verdadeiras, ainda que mortíferas.” (NIEZSTCHE Apud NASSER, 2015, p. 88).

A relação de Nietzsche com o pensamento de Heráclito, especialmente no que diz respeito ao devir, oferece um prognóstico para elucidar a fluidez e a impermanência como características da essência da realidade. “O que inspira essa proximidade e admiração é, em grande parte, o realismo do vir-a-ser ou tudo flui (*panta rhei*).” (NASSER, 2015, p. 91). O filósofo encontra no pensamento heraclítico, o enfrentamento da ideia da realidade imutável e estática. O que enfatiza o movimento constante e o eterno vir-a-ser como a própria existência do mundo. Este posicionamento é fundamental para o desenvolvimento da vontade de potência como arché. O filósofo, em contato indireto com o darwinismo e sua aproximação com positivismo, sofre influência destes pensamentos e ajudam o Nietzsche na construção de sua teoria das forças e na formulação de como a vida se concebeu. O que permitiu a ele, desenvolver um pensamento que não estava estrito à metafísica, mas que propõem convergência com os pensamentos científicos da época. Nesse bojo, o pensador integra em sua filosofia, aspectos biológicos quanto aos impulsos que movem os seres vivos. Como menciona Emmanuel Salanskis:

“Nietzsche aprofunda essa reflexão no início de década de 1880, quando elabora sua doutrina da vontade de potência a fim de esclarecer a organização do corpo vivo. Nesse sentido, os fragmentos póstumos de 1881 propõem reler todos os processos orgânicos como relações pulsionais entre seres vivos que constituem um organismo complexo. Esses seres ávidos, na medida em que tenderiam a apropriar-se da comida e do espaço dentro do organismo. E seriam também capazes de ódio e de crueldade, a fim de subjugar seus concorrentes ao reduzi-los ao estado de funções orgânicas. Desse modo, toda fisiologia poderia ser reinterpretada à luz da doutrina da vontade de potência, como sugere a passagem sobre a “autossuperação” da vida na segunda parte de Assim falava Zaratustra.” (SALANSKIS, 2016, p. 330-331).

Na obra para Além do bem e do mal, na segunda parte: o espírito livre, aforismo 36, Nietzsche levanta sua hipótese sobre a vontade de potência como única força para afirmar a vida e o mundo: “A questão é saber se consideramos à vontade como realmente eficiente, ou se acreditamos na casualidade da vontade, se for assim — e no fundo é isso o que implica nossa crença na casualidade — estamos obrigados a fazer esta experiência, e colocá-la como hipótese, como uma casualidade da vontade. A “vontade”, naturalmente, não pode laborar mais que sobre uma “vontade” e não sobre u’a “matéria” (sobre os nervos, por exemplo), numa palavra, deve chegar a colocar a proposição de que sempre que se constatar “efeitos” devem-se à ação de uma vontade sobre outra vontade. Todo processo mecânico, na medida em que é alimentado por uma força eficiente, revela precisamente uma “vontade-força”. Suponho, finalmente, que se chegasse a explicar toda nossa vida instintiva como o

desenvolvimento da vontade — da vontade de potência, é minha tese — teria adquirido o desejo de chamar a toda energia, seja qual for, vontade de potência.” (NIETZSCHE, 1985, p. 52-53).

3. Metodologia

A abordagem é análise interpretativa, fundamentada em um levantamento bibliográfico que abrange textos primários de Nietzsche, como *A Gaia Ciência*, *Além do Bem e do Mal*, *O Nascimento da Tragédia*, *Crepúsculo dos Ídolos*, *Assim Falou Zaratustra* e *Ecce Homo*, e interpretações de comentadores e pesquisadores como Scarlett Marton, Eduardo Nasser, Emmanuel Salanskis, Gilles Deleuze e outros. A análise crítica foca na evolução do conceito de vontade de potência e suas conexões com influências históricas e científicas.

4. Fundamentação Teórica

O conceito de vontade de potência em Nietzsche é uma construção ontológica que se nutre de um arcabouço profundo com tradições pré-socráticas, modernas e científicas, reinterpretadas de forma revolucionária. Heráclito de Éfeso (540-470 a.c.) constitui a base ontológica com sua doutrina do devir: “Tudo flui (panta rei), nada persiste” (Heráclito, 1989, p. 103). Essa visão do fluxo e do conflito como essência da realidade se conecta em *crepúsculo dos ídolos*, onde Nietzsche critica a razão por fixar o ser em categorias ilusórias: “Vemo-nos enredados no erro, forçados ao erro” (2006 p. 23-24). Deleuze (1976, p. 45) destaca que “Heráclito é para Nietzsche o pensador trágico por excelência”, pois ambos celebram a tensão entre opostos como fundamento do real. Em *ecce homo*, Nietzsche reconhece essa afinidade: “Em Heráclito sinto-me mais quente, com mais bem-estar” (2022, p. 54).

Schopenhauer marca o início da trajetória nietzschiana com o mundo como vontade e representação, onde a vontade é a força irracional subjacente ao mundo. Contudo, o pessimismo schopenhaueriano, que vê a vida como sofrimento a ser negado, é superado por Nietzsche. Em *o nascimento da tragédia*, ele afirma a vida através do trágico dionisíaco, e em *ecce homo* se posiciona como “antípoda de um filósofo pessimista” (2022, p. 53). Löwith (1997, p. 112) observa que “Nietzsche inverte a

vontade schopenhaueriana em uma ética da potência”, transformando a negação em celebração.

O século XIX oferece um contexto científico essencial. Darwin, em a origem das espécies (1859), introduz a luta pela sobrevivência, uma ideia que Nietzsche adapta ao conceito de forças em competição, rejeitando a teleologia de adaptação passiva em favor da autossuperação: “Toda energia, seja qual for, vontade de potência” (1985, p. 53). Boscovich, em a teoria da filosofia natural (1763), inspira-o com um modelo de forças em interação dinâmica, sem substâncias fixas. Marton (2010, p. 51) sublinha que “Boscovich ajuda Nietzsche a pensar a realidade como um campo de forças”, afastando-o da metafísica. Em contraste, Leibniz propõe mônadas como forças vivas em harmonia transcendental, uma visão que Nietzsche rejeita por sua pluralidade imanente.

O positivismo, influenciado por cientistas como Hermann Von Helmholtz e Friedrich Lange, permeia o pensamento nietzschiano com seu enfoque nas leis naturais. (SAFRANSKI, 2019, p. 67) nota que “o jovem Nietzsche lê a ciência como um espelho da vida em luta”, integrando mecanicismo e termodinâmica à sua crítica da metafísica. Heidegger (2007, p. 23) interpreta a vontade de potência como “o princípio do ser enquanto devir”, enquanto Jaspers (1997, p. 289) destaca que “Nietzsche fragmenta para revelar a potência do real”. Essa síntese, mobilismo heraclítico, distanciamento do pessimismo schopenhaueriano, teoria das forças forças boscovichianas, e o método positivista, sustenta a vontade de potência como uma força afirmativa que rompe com a tradição ocidental.

5. O vir-a-ser

No processo formativo de sua filosofia, Nietzsche em *ecce homo*, nascimento da tragédia, discorre acerca do seu projeto em detrimento aos fundamentados anteriormente por Aristóteles e conclui: “Não para libertar-se do temor e compaixão, não para purificar-se de um afeto perigoso por meio de uma descarga veemente - assim Aristóteles o compreendeu equivocadamente; mas, antes, para além do temor e compaixão, ser em si mesmo o prazer eterno do devir, que inclui; em si também ainda o prazer no aniquilar... Nesse sentido, eu tenho o direito de me entender como

o primeiro filósofo trágico - quer dizer, a contraposição mais externa é antípoda de um filósofo pessimista.” (NIETZSCHE, 2022, p. 53). Aqui, observa-se a crítica feita a Aristóteles, a catarse, no que diz respeito a libertar-se da compaixão, do medo. Nietzsche toma para si o conceito de trágico. Pois esse retorno à tragédia grega, mais especificamente a Dionísio, é introjetado em sua filosofia, que busca a afirmação da vida. Neste ínterim, o vir-a-ser é sempre um “dizer sim”. A existência estará sempre buscando novas configurações da realidade. E neste âmbito, Nasser discorre dessa empreitada que o Nietzsche busca interpretar. Ou seja, essa tentativa de destacar o vir a ser no âmbito da renovação temporal da realidade. Em sua obra: Nietzsche e a ontologia do vir a ser, no capítulo quarto, seção I, a guinada ontológica, ele discorre:

“A descoberta da realidade do tempo, ou do vir-a-ser, forneceu, como vimos até aqui, o sustentáculo do realismo nietzschiano. A experiência mostra que a realidade do tempo não pode ser denegada, de modo que o único tipo de discurso compatível com a realidade é aquele que se beneficia de esquemas interpretativos que privilegiem a fugacidade (cujos elementos são fornecidos por conceitos como força e vontade de potência). Não finda aí, porém, o problema. Pois Nietzsche enxerga nesse realismo do vir-a-ser a ponte para uma renovação da pergunta pelo ser. É de esperar que o realismo do vir-a-ser pusesse fim ao debate ontológico; mas não é o que acontece. Dada a dubiedade que evidentemente circunda esse desenlace — e que expressa uma significativa transformação qualitativa da problemática, tal como até então se colocou —, é imperioso, nesse capítulo derradeiro, deslindar o significado da concepção de ser que, então, emerge da experiência do tempo.” (NASSER, 2015, p. 204).

Essa mudança fundamental na forma de abordar a questão do ser, deslocando o foco de uma ontologia estática para uma que incorpora o dinamismo do tempo, propõe um realismo baseado no conceito de “vir-a-ser”, que enfatiza a transitoriedade e a fluidez da realidade. Nesse sentido, destaca-se que a realidade do tempo é inegável e serve como base para o realismo nietzschiano. Conceitos como força e vontade de potência, são apresentados como ferramentas para interpretar essa realidade mobilística, em oposição a esquemas estáticos que buscam fixar o ser em categorias imutáveis.

O reconhecimento do vir-a-ser não encerra o debate ontológico. Pelo contrário, ele abre espaço para uma renovação da pergunta pelo ser. Isso sugere que, para Nietzsche, a ontologia não pode se limitar a uma concepção imóvel, mas deve incorporar a temporalidade e a transformação como elementos essenciais. A tensão entre o realismo do vir-a-ser e as concepções tradicionais do ser, são de fato reflexões que já perduram desde os pré-socráticos, onde a primeira dá ao

movimento, o teor central da concepção de vir a ser do filósofo. E a segunda tende a privilegiar a permanência e a estabilidade. Essa tensão resulta em uma transformação qualitativa da problemática, indicando que a abordagem de Nietzsche exige uma reformulação profunda das questões ontológicas. Isso acarreta que, ao invés de rejeitar completamente a questão do ser, Nietzsche a reposiciona, integrando a experiência do tempo como um componente essencial. Assim, a guinada ontológica nietzschiana não apenas desmonta parcialmente as ontologias tradicionais, mas também propõe uma nova forma de pensar o ser, que é intrinsecamente ligado ao dinamismo e à temporalidade.

Este proceder funciona como uma “máquina em movimento eterno”, moldando-se a cada instante no mundo. Nietzsche, dessa forma, afirma sua contraposição ao pessimismo. Neste caso, seu referencial crítico é Schopenhauer. Não obstante, o filósofo busca indexar seu pensamento em Heráclito. Como se sabe, Nietzsche vê o heraclitismo de forma positiva e tem neste pensamento, do tudo flui, a mais vigorosa reflexão pré-socrática, pois não se afasta da realidade sensível. Ainda em *ecce homo*, Nietzsche elenca esta proposta ontológica do tudo flui fixada diretamente ao vir-a-ser: “Ficou-me uma dúvida em Heráclito, em cuja proximidade sente-me a todo mais quente, com mais bem-estar do que em qualquer outro lugar. A afirmação do que passa e do aniquilar, o que há de mais decisivo em uma filosofia dionisíaca, o dizer-sim à contraposição e guerra, o devir, com recusa radical mesmo do conceito “ser” - nisto eu tenho de reconhecer, sob todas as circunstâncias, aquilo que de mais aparentado a mim foi até agora pensado.” (NIETZSCHE, 2022, p. 54).

6. Nietzsche e a pluralidade ontológica do devir.

Nietzsche se afasta radicalmente da tradição metafísica ocidental. Ao rejeitar a ideia de um ser fixo e mutável. Da duplicação de mundos. A realidade não é estática, mas um contínuo transformar, uma multiplicidade de forças em combate. Nietzsche critica a metafísica parmenídica e o mundo essencialista de Platão. Onde a realidade se reduz a uma verdade absoluta alencada a um princípio unitário formador do mundo. Deste modo, o filósofo propõe uma ontologia do devir, em que a realidade se manifesta de maneira dinâmica, sem pontos fixos e não transcendente.

Essa ontologia plural, onde o devir proposto por Nietzsche, se manifesta de múltiplas

formas, perspectivas e tem em sua origem, relações de potência. Deste modo, Nietzsche percebe o mundo como um campo de batalhas de diferentes vontades, que se afirmam e se sobrepõem a outras vontades mais fracas. E que, portanto, não existe uma estrutura estática. Na obra assim falou Zaratustra, este processo é citado. No que diz respeito ao além-homem. Neste caso, em particular, vale salientar o endereçamento deste conceito na crítica aos valores morais dos fracos. Mas que pode ser expresso, no que tange às perspectivas de cada um, para lidar com o mobilismo da realidade. Visto que esta figura simbólica, também trás em seu significado o confronto internalizado entre forças, ora subjugando, ora dominante. Na passagem do Zaratustra, quarta e última parte da obra, o trecho intitulado: O sinal, onde Zaratustra e seus animais, no caso a águia, estão dispostos ao astro rei, sol, enquanto o seu além-homem, encontra-se dormindo na caverna. O que se interpreta como sinal, que ainda não havia despertado para a realidade do devir; no tocante aos valores morais e não fisiológicos: “E se permanecessem eles em seus quartos, quando tu já estais acordado e surgem e dás e distribuis presentes: como se encolerizaria o teu altivo pudor! Pois muito bem! Ainda dormem esses homens superiores, quando eu já estou acordado: não são esses os companheiros próprios para mim! Não por eles esperei aqui, nos meus montes. Quero começar o meu trabalho, o meu dia; mas eles não compreendem quais são os sinais da minha manhã, o meu passo - não é, para eles, um toque de alvorada. Ainda dormem na minha caverna, ainda seu sonho bebe os meus ébrios cantos. O ouvido que fica à minha escuta - o ouvido aplicado falta entre seus órgãos! - Isso falava Zaratustra ao seu coração, quando o sol nascia; volveu então para o alto um olhar indagador, pois ouvia sobre sua cabeça o grito agudo da águia. “Muito bem!”, “exclamou para cima,” isso me agrada e me é devido. “Os meus animais estão acordados, pois eu estou acordado.” ” (NIETZSCHE, 2006, p. 379).

7. O conceito de vontade de potência como afirmador da vida

A vida em sua diversidade e complexidade pode ser analisada como uma expressão incessante de forças, transformação e superação. Nietzsche, como sabe-se, atribui a esta dinâmica de forças o conceito desenvolvido por ele, vontade de potência. Força fundamental que impulsiona todos os seres a expandirem suas capacidades e a afirmarem sua existência. Ela é a essência da vida, na qual cada forma de

existência busca se fortalecer, crescer e dominar. Os seres vivos não apenas se mantêm no mundo, mas buscam constantemente ampliar suas possibilidades, como competição por recursos e desenvolvimento de novas habilidades. Tais dinâmicas não são guiadas por um propósito externo, mas surgem internamente, desde células até vastas culturas e espécies de animais, onde cada organismo tende a propor sua afirmação perante o fluxo da existência. Não obstante, pode-se ampliar este conceito para os processos naturais inorgânicos e cosmológicos que estruturam parte da realidade. A exemplo, os ciclos geológicos, as forças climáticas e as interações de elementos químicos, atestam o constante vir-a-ser. Eventos de catástrofes, como terremotos, por exemplo, não são indícios de destruição total, mas ciclos de forças que deslocam suas vontades para satisfazer seus domínios. E assim, reorganizam novas formas ambientais no constante ciclo. A vontade de potência são esses embates de forças, que se interagem e transformam-se em um novo campo de forças. Pode-se dizer que ela está intrinsecamente interligada ao vir-a-ser, visto que para cada momento do vir-a-ser, a vontade de potência sempre estará sendo 'atualizada' à nova realidade. Mas essas novas configurações, como são dinamizadas pelo vir-a-ser, estão se transformando constantemente e, assim, de forma contingencial, forças de maior domínio expandem sobre forças de menor domínio. Dessa maneira, a vida é um dos processos aos quais a vontade de potência determina o seu fluxo diante do mundo. Ou seja, sem a vontade de potência, não haveria a possibilidade de vida e tão pouco da realidade. A vida teve seus primeiros passos no pré-cambriano, cerca de aproximadamente três bilhões de anos atrás, no éon arqueano. Fósseis de bactérias e fungos surgiram justamente de processos inorgânicos e embates de forças, que, por suas variações, tornaram-se possíveis a manifestação 'ôntica' dessas formas de vida primitiva. Já em relação aos seres humanos, é destacado também um posicionamento psicológico que em sua obra póstuma, vontade de potência, livro terceiro, princípio de uma nova escala de valores, vontade de potencia como vida, psicologia da vontade de potência, §303:

"O homem não busca o prazer e não se esquia ao desprazer: compreende-se a que pre-conceito célebre quero contradizer aqui. O prazer e o desprazer são simples consequências, simples fenômenos secundários. O que o homem quer, o que a menor parcela de organismo vivo quer, é um plus de potência. Na aspiração para um fim, há tanto prazer quanto desprazer; daquela vontade o homem busca a resistência, tem necessidade de algo que se lhe oponha... O desprazer, obstáculo da vontade de potência, é, portanto, um fato normal, o ingrediente normal de todo fenômeno orgânico; o homem não o evita, ao contrário, tem continua necessidade dele: qualquer vitória, qualquer sentimento de prazer, qualquer acontecimento pressupõe uma resistência vencida. Tomemos o caso mais

simples, o da nutrição primitiva: o protoplasma estende seus pseudópodes para buscar algo que lhe resista; não porque tenha fome, mas para pôr em ação sua vontade de potência. Depois tenta suplantar esse algo, apropriá-lo, incorporá-lo. O que chamamos nutrição é simplesmente a consequência, a aplicação dessa vontade primitiva de tornar-se mais forte.” (NIETZSCHE, 2017, p. 415-416).

Neste trecho, Nietzsche inverte a lógica comum: prazer e desprazer não são fins, mas efeitos colaterais da busca por vontade de potência. O organismo vivo não age para satisfazer necessidades básicas (como a fome), mas para expandir seu domínio. A nutrição, por exemplo, é reinterpretada como um ato de dominação: o protoplasma estende pseudópodes não por fome, mas para exercer sua vontade de superar resistências. Isso revela uma visão afirmativa da vida, onde até mesmo processos aparentemente fisiológicos são expressões de domínio. E assim seguindo:

“(Não podemos considerar a fome como o *primum mobile*, nem tampouco a conservação de si mesmo. Considerar a fome como consequência da nutrição insuficiente é afirmar que a fome resulta de uma vontade de potência que não sabe mais comportar-se como soberana. Não se trata absolutamente do restabelecimento de uma perda – senão mais tarde, com o decorrer da divisão de trabalho, após a vontade de potência ter aprendido a seguir caminhos totalmente diferentes para se satisfazer, que a necessidade de assimilação do organismo reduz-se à fome, à necessidade de compensação para o que perdeu.) Logo, o desprazer não é acompanhado de uma diminuição de nosso sentimento de potência; tão de somenos é esse o caso que, geralmente, trata-se de uma excitação dessa vontade de potência – o obstáculo é o *stimulus* da vontade de potência. Confundiu-se o desprazer com uma categoria especial do desprazer, com o esgotamento: este efetivamente representa uma profunda diminuição e depressão da vontade de potência, uma perda avaliável de força. Isso quer dizer que há desprazer como excitante para aumentar a potência, e desprazer após um desperdício de potência; no primeiro caso, um *stimulus*; no segundo, a consequência de uma irritação excessiva... A incapacidade de resistência é atributo deste último desprazer, o desafio ao que resiste é do segundo... O único prazer que ainda sentimos em estado de esgotamento é o prazer de adormecer; no outro caso, o prazer da vitória... O grande erro dos psicólogos foi o de separar as duas espécies de prazer: o de adormecer e o de vencer. Os esgotados querem o repouso, o espreguiçamento, a paz, a tranquilidade – é a felicidade das religiões e das filosofias niilistas; os ricos e os vivos querem a vitória, os adversários suplantados, o transbordar do sentimento de potência sobre domínios novos. Todas as funções sadias do organismo têm esta necessidade – e o organismo é totalmente uma complexidade de sistemas que lutam pelo crescimento dos sentimentos de potência.” (NIETZSCHE, 2017, p. 416-417).

Nesta outra parte Nietzsche associa o desejo de repouso, paz, tranquilidade, a uma fraqueza da vontade, típica de religiões e filosofias que glorificam a renúncia (como o budismo ou o cristianismo). Em contraste, os seres vivos buscam a luta contínua, pois só na superação de obstáculos a vontade de potência se expande. A saúde do organismo, para ele, depende dessa dinâmica de confronto e crescimento.

E, dessa maneira, a vontade de potência trouxe essa reconfiguração da realidade, que é a vida, e continuamente atua incessantemente sobre o mundo dos seres vivos. Na obra *Das forças cósmicas aos valores humanos*, no primeiro capítulo, a constituição cosmológica, vontade de potência, vida e forças, Scarlett Marton analisa como Nietzsche busca na vida primitiva, embasar seu conceito de vontade de potência: “E, de igual modo, fome e geração. Ao efetivar-se o combate entre todos os demais. Mas, com a luta, não aspiram ao prazer, tampouco procuram alimentar-se. Tomemos o caso mais simples, o da alimentação primitiva, convida o filósofo: o protoplasma estende seus pseudópodes para buscar algo que lhe resista - não por fome, mas por vontade de potência. Com isso, faz a tentativa de dominá-lo, apropriando-se dele, incorporá-lo - o que se denomina “alimentação” é apenas um fenômeno secundário, uma utilização feita por essa vontade primeira de tornar-se mais forte.” (MARTON, apud NIETZSCHE, 2010, p. 51).

Conclusão

A vontade de potência é o núcleo da filosofia de Nietzsche, uma força que redefine a vida como um processo dinâmico, afirmativo e plural. A fundamentação teórica revela sua gênese complexa: Heráclito oferece o devir como fluxo conflituoso, uma visão aprofundada em crepúsculo dos ídolos, onde a razão é desconstruída, e celebrada por Deleuze como um “retorno ao trágico”. Schopenhauer fornece a vontade inicial, mas Nietzsche a transforma em potência criadora, rejeitando o pessimismo com um (sim) dionisíaco, como Löwith sublinha: “uma inversão ética do sofrimento em afirmação”. Boscovich traz para o filósofo a teoria das forças (quantas), o que oxigena a formulação do conceito de vontade de potência, em que Nietzsche as eleva a uma ontologia do vir-a-ser, distinta das mônadas de Leibniz, enquanto o positivismo reforça sua crítica à metafísica, como aponta: “a ciência como espelho da vida”.

Na análise do devir, essa base floresce em uma ontologia do movimento eterno. A crítica à catarse em *Ecce homo* e a celebração do trágico mostram que o devir é um prazer que abarca destruição e criação, o que Jaspers chama de “existência sem repouso”. A pluralidade ontológica expande essa ideia ao além-homem em *Zaratustra*, onde a realidade se fragmenta em perspectivas em luta, um “jogo de

forças sem centro”. Finalmente, a vontade de potência como afirmação da vida consolida essa visão: do protoplasma ao cosmos, a vida é potência em autossuperação.

Dessa maneira, conclui-se que a filosofia nietzscheana está centrada na formulação deste conceito, vontade de potencia, que tudo domina tudo leva e tudo transfoma. A vida é este inbricado de vontades, ora podendo, ora subordinada ao caos. Não há um fim, há um projetar-se para a realidade. Não há um equilíbrio, há um vislumbre que permeia a eternidade. Este vislumbre do vir-a-ser e que desvela a vida, simplismente para Nietzsche é vontade de potencia.

Bibliografia

BOSCOVICH, Roger. A theory of Natural Philosophy. J. M. Child. Chicago: Londres: Open Court Publishing Company, 1922.

DARWIN, Charles. A origem das espécies. Trad. Daniel Moreira Miranda. Revisão Técnica Nelio Bizzo. São Paulo: Edipro, 2018.

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a Filosofia. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

HEIDEGGER, Martin. Nietzsche: vols. I e II. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HERACLITO. Fragmentos. In: Os pré-socráticos. Trad. José Cavalcanti de Souza et al. São Paulo, Abril, 1989 (Coleção Os Pensadores).

JASPERS, Karl. Nietzsche: An introduction to the understanding of his philosophical activity. Charles F. Wallraff e Frederick J. Schmitz. Johns Hopkins University Press; 1997.

LEIBNIZ, G. W. A Monadologia. Trad. Marilena de Souza Chauí Berlinck. v.XIX. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores.).

LÖWITH, Karl. Nietzsche's philosophy of the eternal recurrence of the same. J. Harvey Lomax. Berkeley: University of California Press, 1997.

MARTON, Scarlett. Nietzsche. Das forças cósmicas aos valores humanos 1. ed. 1990; 3. ed. 2010, UFMG: Belo Horizonte.

NASSER, Eduardo, Nietzsche e a ontologia do vir-a-ser, São Paulo, Edições Loyola, (Senda & veredas), 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. Trad. Inês A. Lohbauer. São Paulo: Martin Claret, 2016.

_____. Além do bem e do mal. Trad. de Márcio Pugliesi. São Paulo. Hemus editora limitada, 1985.

_____. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.; Trad. Mário da Silva. – 15ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. Crepúsculo dos Ídolos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Ecce Homo. Trad. Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis:Vozes, 2022.

_____. O nascimento da tragédia. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. Vontade de Potência. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2017.

SAFRANSKI, Rüdiger. Nietzsche: Biografia de um Pensamento. Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial; 3ª edição 2019.

SALANSKIS, Emmanuel. Dicionário Nietzsche. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e representação: Trad. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

VATTIMO, Gianni. Diálogos com Nietzsche: Uma Introdução. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer a minha família pelo apoio nesta jornada. Aos professores Dr Sandro Cozza Sayão e ao Dr Rodrigo Jungmann de Castro pelo apoio.

Aos amigos e demais colegas do curso de filosofia.

A Universidade Federal de Pernambuco pela oportunidade.

E ao Nietzsche pelo seu legado e contribuição ao pensamento filosófico.